Curso de Teologia da Unicap | PPGTEO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA DA UNICAP | UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO

A INFLUÊNCIA ECLESIAL DO CERCO DE JERICÓ: A LITURGIA EM TENSÃO

Julio César Nascimento Dias[1]

Resumo

A pesquisa discute os desafios eclesiais relacionados as celebrações dos Cercos de Jericó, analisando seus impactos na vida comunitária e na centralidade eucarística. De caráter bibliográfico, fundamenta-se em documentos do Magistério e reflexões teológicas. Conclui-se que os Cercos de Jericó, enquanto expressão da piedade popular apresentam possibilidades de contribuição à participação comunitária. Entretanto, determinadas modalidades, podem produzir tensões com a identidade da celebração litúrgica. Nesse sentido, evidencia-se a necessidade de discernimento e acompanhamento pastoral, de modo que tais experiências sejam desenvolvidas em consonância com a vida litúrgica, preservando a centralidade do mistério pascal e favorecendo a maturidade da fé.

Palavras-chave: Desafios pastorais. Eclesialidade. Eucaristia.

1 INTRODUÇÃO

O Cerco de Jericó é um evento católico inspirado no texto bíblico de Josué 6, 1-19. A queda das muralhas de Jericó se tornou o pano de fundo para o que é vivenciado nos sete dias de intensas atividades religiosas, com a finalidade de serem derrubadas as novas muralhas que atrapalham a vida dos fiéis, tanto de problemas espirituais quanto materiais, tais como maldições, intrigas, dívidas, desempregos e adultérios.

A tradição de divulgação do Cerco de Jericó situa sua configuração contemporânea na Polônia, na passagem de 1978 para 1979, no contexto da preparação da primeira viagem de João Paulo II à sua terra natal, governada então por um regime comunista. Um relato divulgado pela

[1] Bacharel em Filosofia e Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco, pós-graduando em liturgia pela Faculdade Vicentina e mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral pela Universidade Católica de Pernambuco, com incentivo de bolsa PROSUC-CAPES. Presbítero da Diocese de Nazaré – PE. E-mail: cesar12306@hotmail.com

Paróquia São Francisco de Assis, a partir do portal Cleofas, descreve a organização de sete dias e seis noites de oração do rosário diante do Santíssimo Sacramento em Jasna Gora e associa essa mobilização às dificuldades políticas em torno da visita. A viagem papal ocorreu de 2 a 10 de junho de 1979; em 2 de junho, João Paulo II celebrou em Varsóvia, conforme documentação pontifícia.

Os Cercos de Jericó celebrados no Brasil apresentam diversas finalidades espirituais e pastorais. Embora se assemelhem à experiência polonesa pela duração da celebração e pela forte devoção mariana, distinguem-se pela ênfase ao culto eucarístico e a devoção a São Miguel Arcanjo, que constituem os elementos fundamentais de sua estrutura celebrativa e de sua proposta de oração.

A crescente realização dos Cercos se dá pela influência midiática de lideranças e personalidades nacionalmente conhecidas, e, principalmente, de padres simpatizantes, que dão ênfase ao Cerco, inclusive tornando-o um dos eventos mais importantes da comunidade, mediante a proposta de sempre trazer coisas novas, como promessas de milagres, cura e libertação.

O sucesso do público, as igrejas cheias, o engajamento emocional e a forte interação midiática podem transparecer falsas noções de uma evangelização bem-sucedida. Isso porque o foco muitas vezes não está em conduzir os fiéis à intimidade com o mistério eucarístico e a autêntica vivência cristã, mas em atender às subjetividades cada vez mais valorizadas.

Por isso, é válido analisar o quanto as tensões entre a liturgia e os estilos de celebrações carismáticas têm influenciado a vida eclesial das comunidades. Os riscos que trazem à comunhão e unidade dos fiéis, e a consciência da importância do Dia do Senhor.

2 O CERCO DE JERICÓ E AS TENSÕES LITÚRGICAS

O Cerco de Jericó é geralmente realizado ao longo de sete dias consecutivos de oração, adoração ao Santíssimo Sacramento, meditação do terço e celebração da Eucaristia. A Missa é normalmente seguida por um

prolongado culto eucarístico, marcado por orações, cânticos de inspiração carismática, momentos em que os fiéis se aproximam do Santíssimo Sacramento e o tocam, além de uma procissão ao redor da igreja, da praça ou do quarteirão. No último dia, realizam-se as sete voltas finais. Cada volta é associada à derrubada de muralhas espirituais e materiais, interpretação que favorece uma intensa mobilização emocional dos fiéis.

Por ser a celebração eucarística indispensável à vida cristã, o zelo pela forma como é realizada garante que todos, unidos em um só corpo (1Cor 10,17), vivenciem com dignidade, seriedade e compromisso o mistério pascal. Por um lado, se faz necessário admitir que o culto eucarístico fora da Missa, conforme prevê as normas litúrgicas (RS, n. 134-141); (Sagrada Congregação para o Culto Divino, 2000a, p. 57-60), a recitação do rosário e a veneração dos santos não são, em si mesmos, concorrentes da eucaristia; ao contrário, quando corretamente orientados, constituem expressões legítimas da piedade cristã e podem conduzir os fiéis a uma melhor participação no mistério de Cristo.

Por outro lado, quando essas práticas são sobrepostas indevidamente à ação litúrgica (Congregação para o Culto divino e a disciplina dos Sacramentos, 2002, n. 13) ou apresentadas, na prática, como substitutas da celebração eucarística, corre-se o risco de secundarizar a Missa na vida comunitária. Realidade que se opõe as orientações da Igreja, nas quais se afirmam a preeminência da oração litúrgica acima de todas as outras práticas de devoção, sem que isso signifique a exclusão delas (Congregação para o Culto divino e a disciplina dos Sacramentos, 2002, n. 11).

A liturgia eucarística carrega em si uma profundidade que não pode ser reduzida apenas ao impacto emocional ou ao desejo de tocar os sentimentos das pessoas. É claro que a dimensão pastoral busca aproximar e acolher, mas é preciso ter cuidado para que elementos de inovação não acabem ferindo o núcleo essencial da teologia eucarística. A Eucaristia não

é um espetáculo performático, mas o mistério da fé vivido pela comunidade reunida.

Para que sejam evitadas as resistências e a divisão da comunidade entre um jeito e outro de ser celebrada a Missa, é válido destacar que, a ninguém é dado, inclusive os presbíteros, a autoridade para acrescentar, tirar ou mudar algo na liturgia por iniciativa própria (SC, n. 22): "[...] se as ações litúrgicas não são privativas dos ministros ordenados, mas atos de toda a Igreja, aqueles não podem se erigir em donos da Liturgia" (Martín, 2022, p. 178).

Um destaque para a centralidade da invocação ao Espírito Santo, que é responsabilizado por efusões, repousos e glossolalia, realidades que não são ações exclusivas do Espírito Santo, haja vista que podem ser em decorrência das emoções. Enquanto as ações rituais vão se desencadeando, as pessoas vão se deixando envolver pelas orações e cantos; batem palmas, dançam, enquanto as visões são proclamadas, as curas profetizadas e as muralhas derrubadas. O Espírito Santo é semelhante a um grande operário que derruba o que é velho e amaldiçoado e reconstrói as vidas salvas e convertidas. Tais elementos se aproximam com as ondas das igrejas pentecostais propostas por Ricardo Mariano (2014, p. 28-48).

É importante reconhecer que a corporeidade e a experiência pessoal possuem lugar legítimo na celebração cristã, constituindo dimensões próprias da participação dos fiéis no mistério celebrado. O desafio surge quando experiências subjetivas, passam a ser tomadas como critério determinante para a modificação dos ritos ou para a interpretação da ação litúrgica. Nesses casos, podendo emergir incompreensões acerca da natureza da liturgia e riscos para a comunhão eclesial.

Nesse contexto é indispensável recordar que a liturgia é de natureza coletiva e "o sujeito orante é sempre o 'nós' eclesial" (Martín, 2022, p. 178), o que favorece a compreensão de que o antídoto para o veneno do subjetivismo e da prisão na autorreferencialidade é a celebração litúrgica (DD, n. 19), voltada à integração dos indivíduos ao grupo, do particular ao

que é patrimônio comum, e o local ao que é universal, conduzindo a todos sob a presidência do mistério da salvação (Martín, 2022, p. 182).

É nesse sentido que a participação ativa, consciente e frutuosa, desejada pelo Concílio Vaticano II (SC, n. 14 e 48), encontra sua plena realização: não como mera exteriorização de sentimentos ou protagonismo individual, mas como inserção de toda a pessoa, com sua inteligência e corporeidade, na ação de Cristo e da Igreja.

3 A CENTRALIDADE DA EUCARISTIA E O CULTO FORA DA MISSA

Apesar de a comunidade ser constituída por muitas pessoas em suas subjetividades, assembleia litúrgica possui natureza essencialmente eclesial e comunitária. A liturgia tem uma objetividade sacramental que não depende das preferências individuais. Ao mesmo tempo que, acolhe e integra a participação consciente, ativa e pessoal dos fiéis, que respondem à ação de Deus em comunhão com toda a Igreja. Por isso, a liturgia "não pertence ao indivíduo; mas, sim, a Cristo-Igreja, à totalidade dos fiéis unidos em Cristo" (DD, n. 19).

Embora hoje se incentive, em alguns contextos, a busca por maior criatividade para aproximar mais pessoas da celebração, o Papa Francisco recorda que Jesus Cristo, o Cordeiro da Páscoa, é a única e verdadeira novidade da história (DD, n. 4) e, portanto, o permanente hoje da salvação. Assim, a autenticidade da liturgia não depende da invenção de novidades, mas do encontro sempre renovado entre Cristo e seu povo reunido (Boselli, 2022, p. 101).

O Magistério da Igreja sempre reforçou a importância do Domingo à vida cristã, pois "recorda, no ritmo semanal do tempo, o dia da ressurreição de Cristo" (João Paulo II, 1998, p.3). A convocação do Senhor e a resposta do povo reunindo-se em comunidade para a celebração (Boselli, 2022, p. 103), possibilita a melhor vivência da fé e da fraternidade comunitária. Isso se dá mediante o zelo da Igreja "para que os fiéis não assistam a este mistério

da fé como estranhos ou espectadores mudos" (SC n. 48), mas avidamente dedicados ao que celebram.

Quando se introduzem práticas ou símbolos estranhos ao rito, ainda que com a intenção de alcançar mais pessoas, corre-se o risco de desviar o olhar do que é central: a comunhão eucarística como expressão da Igreja reunida em Cristo. A pastoral pode ganhar em proximidade, mas se não conduz ao mistério em profundidade, acaba por empobrecer a experiência. Com isso, a liturgia não deve ser apenas compreendida como um meio de comunicação, mas a atualização sacramental da presença de Cristo.

O culto eucarístico fora da Missa é orientado pela Igreja e deve seguir o princípio de sua relação intrínseca com a celebração eucarística (Sagrada Congregação para o Culto Divino, 2000a, p. 56). Contudo, em determinadas realizações do Cerco de Jericó, a distribuição do tempo, a organização das atividades e a forma de comunicação do evento podem sugerir uma centralidade prática de ações devocionais em relação à celebração eucarística.

Nesse contexto, grande destaque é conferido à procissão com o Santíssimo Sacramento, realizada inicialmente no interior da igreja e, posteriormente, em área externa, incluindo o rito das sete voltas. A adoração e o culto eucarístico fora da Missa são amplamente promovidos pela Igreja, desde que observem as normas estabelecidas para essa prática (RS, n. 134-140). As procissões eucarísticas, por sua vez, possuem regulamentação própria, devendo ser organizadas de acordo com as disposições litúrgicas pertinentes e sob a autoridade competente (RS, n. 142-145).

As procissões devem ser "realizadas com dignidade e sem prejuízo da reverência devida ao Santíssimo Sacramento" (Sagrada Congregação para o Culto Divino, 2000a, p. 62). Nesse sentido, eventuais práticas observadas em algumas celebrações, quando divergentes das normas litúrgicas relativas à exposição, ao transporte e à veneração da Eucaristia, requerem análise criteriosa à luz dos documentos da Igreja, evitando-se generalizações sobre o conjunto das experiências vinculadas ao Cerco de Jericó.

É necessário fazer memória do que é presentificado na eucaristia para que os fiéis compreendam o que estão fazendo e, por isso, tornem-se também oblações de louvor a Deus e vida para os outros. A instrução catequética, boas homilias, formações permanentes e liturgias bem-preparadas, possibilitarão às comunidades a maturidade da fé para fazer da celebração eucarística, e o culto fora da Missa, lugares de festa, íntima comunhão com Deus, fonte de unidade da Igreja e centro do louvor cristão (Sagrada Congregação para o Culto Divino, 2000b, p. 497).

4 FORMAR DESDE A INICIAÇÃO ATÉ A VIDA CRISTÃ ADULTA

É válido considerar a importância de uma iniciação cristã em íntima comunhão com a vida litúrgica da comunidade. Contudo, essa realidade não deve se restringir aos ritos da iniciação, mas estimular a consciência de pertencimento e participação na vida celebrativa da Igreja, para que não somente a iniciação seja eficaz, mas também favoreça a colheita de seu principal fruto: "a consciência de que a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados" (SCa, n. 64).

A dimensão do cuidado com a formação litúrgica, não deve se limitar à iniciação cristã, mas acompanhar os fiéis por toda a vida. Para que, favorecendo o conhecimento do conteúdo da fé, possam celebrar melhor. Por esse motivo, cabe recordar a necessária formação litúrgica nas casas de formação dos futuros presbíteros, no clero e nas comunidades paroquiais.

Nos seminários a formação litúrgica não deve se limitar apenas ao que oferecem as disciplinas acadêmicas e as rubricas dos livros oficiais, é preciso assumi-la como a espiritualidade da comunidade formativa (OT, n. 8), no empreendimento de fazer com que os futuros ministros sagrados "tomem consciência do que vão fazer" (Sagrada Congregação para o Culto Divino, 2000, p. 223) e zelem com respeito os mistérios aos quais se propõem celebrar.

A formação permanente precisa ser uma constante para todo o clero, uma vez que os ministros ordenados, por excelência o Bispo Diocesano, são guardiões da arte de celebrar ao mesmo passo que são continuamente formados na ação celebrativa (DD, n. 60). Atualizações do clero precisam discutir assuntos litúrgicos, as dioceses devem orientar os seus ministros a disciplina e o cuidado com a ortodoxia litúrgica e os padres em cada comunidade paroquial, fomentar a vivência litúrgica com esmero e responsabilidade ritual (SC, n. 22).

Os leigos devem estar abertos à formação e não devem cair na sedução do subjetivismo. Sejam sentinelas para perceber os riscos que empobrecem a vida eclesial e a fraternidade comunitária. Para que as celebrações não se reduzam ao encontro das pessoas entre si e percam o referencial do mistério pascal a ser celebrado (CNBB, 2014, p. 141).

Se a liturgia eucarística for assumida como a escola da vida cristã e a formação permanente conformada com Cristo, será cada vez mais possível testemunhar na liturgia o brilho do mistério pascal, pelo estupor que lhe é essencial (DD, n. 26), pelo qual o próprio Senhor atrai a todos e chama a mais genuína comunhão (SCa, n. 35).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A integração dos Cercos de Jericó à vida pastoral da Igreja não exige necessariamente a supressão de suas expressões devocionais, mas seu adequado discernimento à luz da ortodoxia litúrgica e da eclesiologia de comunhão. Quando inseridos no planejamento pastoral, acompanhados pelos ministros responsáveis e orientados à centralidade do mistério pascal, os Cercos podem constituir espaços de evangelização, aprofundamento da oração e fortalecimento dos vínculos comunitários.

O desafio, portanto, não consiste em estabelecer oposição entre espiritualidade carismática e liturgia, mas em promover uma relação de complementaridade que respeite a natureza própria de cada expressão da vida eclesial. A fidelidade às normas litúrgicas não constitui obstáculo à

vitalidade pastoral, mas condição para que as iniciativas de oração contribuam para a edificação da Igreja. Eventuais tensões não decorrem necessariamente da existência dos Cercos, podendo surgir de modalidades específicas de sua realização.

O equilíbrio da relação entre as subjetividades e objetividade litúrgica, pode favorecer também a conscientização da fraternidade e coletividade nas comunidades, principalmente no que se refere as espiritualidades. Além de agregar ao corpo eclesial novos fiéis que, a partir da genuína vivência ritual, poderão acessar os mistérios da fé na assembleia celebrativa e no testemunho amadurecido dos que preparam as liturgias.

Mais do que rejeitar os Cercos de Jericó, faz-se necessário auxiliar aqueles que estão envolvidos nos preparativos das celebrações. Por isso, mesmo quando movidas por boas intenções, as ações pastorais devem priorizar a arte do bem celebrar, que por sua natureza, não exige criatividades excessivas, nem apelos às emoções. Basta ao rito a sua nobre simplicidade (SC, n. 34) que educa, inclui e conduz os fiéis ao encontro transformador com Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

BENTO XVI. *Exortação Apostólica pós-sinodal Sacramentum Caritatis* (SCa). Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html. Acesso em: 11/09/2026.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2017.

BOSELLI, Gofredo. *O sentido espiritual da liturgia*. 2. ed. Brasília: CNBB, 2022.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). COMISSÃO EPISCOPAL PARA A LITURGIA. *Documento da Comissão Episcopal para a Liturgia à 61ª Assembleia Geral da CNBB*. Disponível em: https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/test-for-pdf/62a-AG-Assuntos-de-Liturgia.pdf. Acesso em: 10/06/2026.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Comunidade de comunidade*: uma nova paróquia, a conversão pastoral da paróquia. Doc. 100. São Paulo: Paulinas, 2014.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Diretório sobre piedade popular e liturgia*: princípios e orientações. Seções 11-13 e 73-74. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20020513_vers-direttorio_it.html#. Acesso em: 17/09/2026.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: Edições CNBB, 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Instrução Redemptionis Sacramentum (RS)*. 25 mar. 2004. Números 129, 134–145. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_doc_20040423_redemptionis-sacramentum_po.html. Acesso em: 17/09/2026.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Sacrosanctum Concilium (SC). In: *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 257 a 306.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto Optatam Totius (OT). In: *Compêndio do Vaticano II*: constituições, decretos, declarações. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 507 a 526.

FRANCISCO. Carta *Apostólica Desiderio Desideravi*: sobre a formação litúrgica do Povo de Deus (DD). Brasília: Edições CNBB, 2022.

JOÃO PAULO II. *Carta apostólica Dies Domini*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1998/documents/hf_jp-ii_apl_05071998_dies-domini.html. Acesso em: 02/08/2026.

JOÃO PAULO II. *Homilia na Praça da Vitória*, Varsóvia, 2 jun. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/en/homilies/1979/documents/hf_jp-ii_hom_19790602_polonia-varsavia.html. Acesso em: 09/08/2026.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais*: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARTÍN, Julián López. *A liturgia da Igreja*: teologia, história, espiritualidade e pastoral. Petrópolis: Vozes, 2022.

PARÓQUIA SÃO FRANCISCO DE ASSIS. *Você sabe como surgiu o Cerco de Jericó?* Disponível em: https://portadeassis.com.br/publicacoes/formacoes/6359-voce-sabe-como-surgiu-o-cerco-de-jerico. Acesso em: 02/09/2026.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *A sagrada comunhão e o culto do mistério eucarístico fora da Missa*. São Paulo: Paulus, 2000a.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. *Pontifical Romano*. São Paulo: Paulus, 2000b.